

**INSTITUTO MISSÕES CONSOLATA**

# **BIÊNIO SOBRE A PESSOA**

29 de janeiro de 2021 - 29 de janeiro de 2023

**Ficha nº 05 - Maio 2021**

*Dimensão espiritual*

## **O DISCIPULADO MISSIONÁRIO**



“O Fundador assim comentava as palavras de Paulo *Vivo ego, iam non ego, vivit vero in me Christus*: “Agora, se é Jesus que pensa, fala, trabalha e vive em nós, não o podemos deixar mal. Temos de praticar o bem”. (*P. J. Gallea*, III, 123).

“Jesus tinha mais a fazer do que nós. No entanto, retirava-se e rezava, e ao fazê-lo, não tinha receio de perder tempo nem de o roubar ao bem maior das almas para as quais tinha vindo à terra. Esta é a primeira lição que Ele nos deu para termos sucesso no apostolado: é preciso ter um grande espírito de oração; não basta correr aqui e ali para fazer muitas obras boas; é preciso estar unido ao Senhor, para depois produzir frutos. Pobres daqueles missionários que pensam saber mais do que o nosso Divino Redentor! Esquecem-se que são só instrumentos da graça de Deus para salvar os não cristãos; praticamente atribuem aos seus esforços e trabalhos um resultado que depende essencialmente da graça de Deus, e o qual só é normalmente obtido através da oração e união com Deus”. (Beato Allamano, *Por ocasião da partida do padre Morino*, 6 de Setembro de 1908, Santuário de Santo Inácio, 2 de Setembro).

“Fazer bem o bem! E como é que se fazem bem todas as coisas? São José Cafasso oferece-nos algumas sugestões. A primeira é fazer todas as coisas como as faria Nosso Senhor. Identifiquemo-nos com Jesus, façamos tudo como Ele o faria, de maneira que seja Ele a viver e a agir em nós. Perguntemo-nos muitas vezes: Se Jesus estivesse aqui no meu lugar, como é que se comportaria? Seriam os seus pensamentos iguais aos meus, as suas palavras como as minhas, as suas ações iguais às minhas? O meu desejo é que cada um de vós se torne uma imagem

viva de Jesus Cristo. Todos os santos desejavam tornar-se imagens de Cristo”. (*Tudo pelo Evangelho*, n. 6)

## Status Quaestionis

Distrair-se do centro: **a mediocridade espiritual**. Esta é uma tentação particularmente insidiosa e subtil, não fácil de detetar. Insinua-se na nossa vida, cresce na secura do espírito depois de germinar no solo de uma vida de oração cansada e monótona. Podemos expressá-la com as palavras de Jesus Ressuscitado à **igreja de Éfeso**: “Sois constantes e suportastes muito por amor do meu nome sem vos cansardes. Tenho, no entanto, de vos censurar por terdes abandonado o vosso primeiro amor. Mudai de rumo!” (Ap. 2:3ss). Com outras palavras, o **profeta Oseias** censura o povo de Israel: “O teu amor é como uma nuvem matinal, como o orvalho que desvanece ao amanhecer” (6,4).

É o risco de servir a causa do Reino com grande generosidade e dedicação, mas deixando que a nossa relação pessoal com Jesus nos turve os olhos; sem nos apercebermos disso, tiramos d'Ele os olhos, como fonte e fim da missão, e assim começamos lentamente a afundar-nos. A primazia já não é a pessoa de Cristo, o seu amor, mas o serviço que lhe prestamos. É evidente que os dois aspetos são inseparáveis, mas a distinção é fundamental, porque só o amor de Cristo enche a vida, fazendo de nós testemunhas do seu amor. O serviço, o trabalho, as atividades que fazemos, na medida em que não fluem de uma comunhão de fé e amor com Ele, ganham aridez e perdem a fragrância do Evangelho.

Repetimos frequentemente: **porquê a missão?** Esta é uma pergunta justa, mas perguntar demasiado sobre o porquê da missão pode também significar que a experiência do encontro com Cristo, que está na raiz de toda a tensão missionária, já não é evidente. Quando a tensão

desvanece, as tensões aumentam. É um facto histórico, admitido por todos, que os primeiros cristãos eram missionários animados, convencidos de que tinham de levar ao mundo a boa notícia que o mundo esperava. Contudo, nem sempre se tem em conta que esta vivacidade não surgiu, antes de mais, do encontro com as muitas emergências em que as pessoas da época viviam, mas surgiu da experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo. Aqui encontraram a notícia que os fascinou, que mudou as suas vidas, aqui compreenderam a novidade que, precisamente por ser nova e surpreendente, mudou profundamente as suas expectativas.

“Todo o cristão é um missionário na medida em que encontrou o amor de Deus em Cristo Jesus; já não dizemos simplesmente que somos 'discípulos' e 'missionários', mas dizemos que somos sempre 'discípulos-missionários'. Se não estamos convencidos, olhemos para os primeiros discípulos, que imediatamente após terem conhecido o olhar de Jesus, foram proclamá-lo cheios de alegria: “Encontrámos o Messias” (Jo 1,41)”. (EG 120).

Ser discípulos-missionários não é um extra opcional, uma profissão ou uma possível escolha entre tantas, mas sim a nossa identidade simples e pura como cristãos e consagrados para a missão *ad gentes*. Aceitar a nossa identidade significa dar a nós próprios a oportunidade de uma vida bela e feliz. Rejeitá-la significa perdermo-nos, dissolvermo-nos em insignificância e banalidade. Isto não é mais do que um suicídio lento (cf. EG 272). Por outro lado, é sempre verdade que “a nossa imperfeição não deve ser uma desculpa” para abdicarmos da proclamação... “pelo contrário, a missão é um estímulo constante para não descansarmos na mediocridade e para continuarmos a crescer” (EG 121).

“Somos chamados a redescobrir a beleza da vocação missionária como um caminho de conversão para nos tornarmos 'discípulos missionários'

na escola de Jesus, o centro da nossa vida e missão” (cf. *Linhas Guia da Direção Geral, Mensagem Programática ao Instituto depois do XIII CG*, p. 11).

## **Iluminação**

Ser missionários é o ADN da vida cristã, da *vida em Cristo!* De facto, Cristo é o Missionário do Pai (cf. Jo 10,36) e quem nele vive (cf. Jo 15) não pode deixar de ter os seus sentimentos (cf. Fil 2,5) e pensamentos (1Cor 2,16), os seus gostos, assumindo o seu estilo de vida (cf. 1Jo 2,6; 1Pt 2,21). Cada cristão, cada batizado, é portanto *um missionário por natureza*, tal como o é a Igreja, “na medida em que é da missão do Filho e da missão do Espírito Santo” que, “segundo o plano de Deus Pai, provém a sua própria origem” (*Ad Gentes 2*). Jorrando “do amor na sua fonte, nomeadamente da caridade do Pai” (*Ad Gentes 2*), a vida de Cristo e a vida em Cristo sobrepõem-se e *são uma única missão* (cf. EG 273).

“O objetivo que nos caracteriza na Igreja é a evangelização dos povos; levamo-lo a cabo para glória de Deus e em santidade de vida, no sentido pretendido pelo Fundador, quando reiterava: 'Primeiro santos, depois missionários'. Este objetivo deve permear a nossa espiritualidade, orientar as nossas escolhas, qualificar a nossa formação e as atividades apostólicas, e orientar completamente as nossas vidas” (Const. 5).

“Jesus reuniu à sua volta um grupo de discípulos para que pudessem “estar com ele”; dedicou-lhes tempo e cuidados, mas a sua preocupação nunca deixou de ser para toda a gente. Ele pensou formar o grupo de discípulos em função da missão, e não vice-versa. Assim Jesus venceu num salto a velha lógica - difícil de eliminar - de formar primeiro o grupo, e depois enviá-lo em missão. Logo desde o início,

Jesus vai ter com os que estão distantes mas vai acompanhado pelo grupo dos que estão perto. Não se trata de uma técnica pedagógica, mas de uma questão de identidade: se a comunidade não vai em missão, se não está sempre junto da multidão, mostra que não compreendeu nem acolheu o acontecimento de Jesus e assim não se torna sinal desse acontecimento no mundo. O sal já não é sal! No Evangelho de Marcos (cf. 3, 14-15) lemos que Jesus “estabeleceu doze para ficarem com ele e para os enviar a pregar”. A “permanência” não é uma preparação para o “envio”, mas muito mais. A relação entre os dois momentos é contemporânea e constantemente circular. É estando com Jesus que se compreende a necessidade de ir. Mas é indo que se está verdadeiramente na companhia de Jesus: de facto, a sua vida é itinerante e missionária. A permanência não é a premissa para o envio, mas indica o caminho a seguir, não sozinho, mas em companhia do Mestre, seguindo-o”, (*Il missionario della Consolata santo*, pg. 4).

“(…) É na estrutura dialógica da nossa vocação e na obediência permanente ao apelo de Jesus que se situa a nossa identidade mais verdadeira, embora mediada pela experiência espiritual do Fundador e pela história do Instituto. A espiritualidade missionária baseia-se na força do Evangelho, no nosso carisma e tradição, na cristologia e na teologia atual; esta é a força propulsora da vocação e o seu autêntico carisma. O dom de si, o diálogo, a atenção à cultura, a solidariedade, o empenho na libertação e promoção humana, a preocupação ecológica são consequências da escolha de Cristo, para viver como discípulos missionários que são testemunhas” (P. Stefano Camerlengo, *Apresentação dos Actos do XIII CG*).

“É estando com Jesus que se compreende a necessidade de ir: porquê ir, para onde ir, com que estilo e para que proclamação. E é indo que se está verdadeiramente na companhia de Jesus: a sua vida, de facto, é

itinerante, sem morada fixa” (*Linhas Guia da Direção Geral, Mensagem Programática ao Instituto após o XIII CG*, p. 12).

“A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão reveste essencialmente a forma de *comunhão missionária*”. (EG 23).

Devemos recuperar a nossa *paixão por Jesus Cristo*, como o investimento total da nossa vida, porque o Senhor não pode ser reduzido a uma franja, um apêndice ao drapejamento da nossa existência. Se o amor por Cristo não tem a marca da totalidade, é ambíguo. O serviço em tempo parcial, à hora, com Cristo não é aceitável.

Apaixonar-se por Jesus Cristo significa: conhecimento profundo dele, familiaridade com ele, frequência diária da sua casa, assimilação do seu pensamento, colocando-o no centro da nossa vida. As práticas espirituais que nos são propostas pelas nossas Constituições, tais como a recitação do breviário, o terço, a leitura espiritual, a adoração do Santíssimo Sacramento, não são sucata velha para ser colocada no sótão: são sinais sempre válidos de verdadeiro amor ao Senhor.

## **Um olhar sobre os Evangelhos**

Nos quatro evangelhos, a sequela e o discipulado missionário são apresentados com sensibilidades diferentes pelos três *sinóticos* e pelo quarto *evangelho*. Esta pluralidade de pontos de vista ajuda a aprofundar a realidade vivificante e transformadora da nossa relação pessoal com Jesus.

Nos *Sinóticos*, a conversão ao Reino encarna-se na radicalidade de *deixar tudo* (trabalho, posses, relações de origem, família) para *seguir Jesus* (cf. Mc 1,16-20; 2,13-14), para *estar com Ele em itinerância*

*missionária* (cf. Mc 3,13-19), por *causa dele e do Evangelho* (cf. Mc 10,28-30). Este tipo de seguimento qualifica o grupo dos Doze de forma eminente (cf. Mc 3,14) e o Ressuscitado afirma que só voltando às fontes do encontro com ele e ao apelo que nos fez discípulos-missionários poderemos experimentar o poder da sua ressurreição nas nossas vidas: “Ele vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis, como Ele vos disse” (Mc 16:7). A Galileia de uma vida diária em que nos sentimos observados, amados e chamados pela sua Palavra, pela sua presença, pela sua passagem (*páscoa!*) no coração da nossa vida tal como ela era, tal como ela é.

O *Quarto Evangelho* usa uma linguagem diferente. Não basta “converter-se”: é necessário *nascer do alto, renascer* (cf. Jo 3). Não basta simplesmente “seguir, ir atrás”: é necessária uma maior intimidade, uma radicalidade diferente. É necessário *permanecer em, “viver dentro”* (cf. Jo 15; 17). A novidade do seguimento é uma nova vida, é ser habitados pela Trindade: “iremos ter com ele e faremos nele a nossa morada” (Jo 14, 23)! Paulo diria: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20; cf. Fil 1,21)!

**Se não partirmos da Eucaristia**, a nossa é apenas uma atividade de fazer coisas, sentir-nos-emos sempre sobrecarregados por mil afazeres, faremos as obras de caridade, mas sem a caridade das obras. **Só se partirmos da Eucaristia**, “daquela” mesa, o que fizermos terá a assinatura do Senhor como seu autor.

**As obras de caridade não são suficientes, se nos faltar a caridade das obras.** Se falta o amor pelo qual os nossos trabalhos começam, se falta a fonte, se falta o ponto de partida que é a Eucaristia, cada compromisso pastoral resulta apenas num turbilhão de coisas.

**“Ele levantou-se da mesa”**, significa a necessidade de oração, do abandono em Deus, de uma confiança extraordinária, de cultivar a amizade do Senhor, de poder tratar Jesus Cristo por “tu”, de poder



viver na sua intimidade. **Se estamos desligados de Cristo**, damos a impressão de sermos apenas distribuidores da sua mercadoria, que apresentam as suas coisas sem grande convicção, apenas por razões de sobrevivência. Por vezes falta-nos este vínculo profundo com o Senhor. Por vezes agarramo-nos a Deus, mas não nos abandonamos nele. Um abraço de medo é diferente de um abraço de amor. Abandonarmo-nos a nós próprios significa deixarmo-nos embalar por Ele, deixarmo-nos conduzir por Ele dizendo simplesmente: **“Meu Senhor, eu amo-te”!**

## **Pistas para a reflexão pessoal e comunitária**

Os textos propostos, começando pelas nossas Constituições e passando por alguns dos documentos da Direção Geral nos últimos anos, estão particularmente em sintonia com o magistério do Papa Francisco.

Propomos *uma leitura orante do capítulo cinco da Evangelii Gaudium, Evangelizadores com Espírito* (EG 259-288). Essa leitura ajudar-nos-á a redescobrir as motivações do nosso ser *discípulos missionários*, animados pelo poder do Espírito e intimamente persuadidos do estilo mariano de toda a verdadeira evangelização.

É bom, portanto, perguntarmos a nós próprios:

- o que significa para mim que o Ressuscitado me precede na Galileia?
- em que experiências e momentos, rostos e pessoas, encontros e silêncios, saboreei o chamamento para o seguir e para deixar tudo?

O facto de chamar à memória do tempo do meu “primeiro amor” (Ap 2,4) com Cristo e com a vocação à consagração missionária torna-se

ocasião propícia para o ver de novo vivo e presente no centro da minha vida atual.

- Já alguma vez falei disto com confrades da minha presente comunidade local? Por que não fazê-lo neste momento?

Tento chamar à memória as ocasiões de graça presentes na minha pequena, mas significativa, experiência de vida missionária. Escrevo-as no meu diário pessoal.

- Na minha vida de discípulo-missionário, em que momentos e circunstâncias senti que Jesus caminha comigo, fala comigo, respira comigo, trabalha comigo?
- Quando é que senti realmente Jesus vivo comigo “no meio do compromisso missionário”? (EG 266).

Depois, dando graças, encontro oportunidade para partilhar estas “graças” com a minha comunidade.

Discipulado e missão não só definem a minha identidade pessoal, mas também esboçam o rosto da minha comunidade: ***vivemos juntos porque somos discípulos-missionários da Consolata.***

- - Nas próximas semanas dar-nos-emos tempo para contar uns aos outros as experiências positivas de vida comunitária que temos vivido. Cada um recordará como alguns irmãos e algumas belas dinâmicas de fraternidade o têm acompanhado, apoiado e encorajado no seu *sim a Cristo e à missão.*

## Oração

Senhor Jesus,  
tu és a fonte da minha vocação

e da minha missão.  
A tua presença na minha vida,  
o teu olhar,  
a tua voz e a tua Palavra  
seduziram-me e conquistaram-me.

Fora de ti a minha vida  
já não tem sentido nem gosto.  
Em ti, porém, tudo se enche de gosto e alegria:  
até mesmo as minhas contradições,  
até mesmo a minha escuridão,  
até mesmo a morte.

Em ti, a noite enche-se de luz,  
as lágrimas tornam-se orvalho fértil  
e os passos da minha vida errante  
tornam-se sendas de luz  
para o mundo que tu me confias.

Queima o meu egoísmo,  
nutre a radicalidade do meu sim,  
dá-me um coração apaixonado  
pela humanidade e pela Igreja,  
orienta os meus pensamentos  
e toda a minha vida  
para o Reino que se aproxima.

Que a tua Palavra seja Pão  
para a minha viagem e para os meus desertos,  
e que os teus pobres me salvem sempre  
arrancando-me de mim mesmo.

Que as minhas mãos, pés, coração e olhar  
entrem em sintonia com o teu Evangelho  
e que tudo em mim fale de ti.

Pois que tudo posso em ti,  
que és a minha força.

Amen.